VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657

RESUMO

A afetividade e a inteligência se estruturam nas ações dos indivíduos. O afeto também implica em expressividade e comunicação, e sobre esta ótica, o presente artigo aborda a afetividade na interação professor-aluno, fator que influencia decisivamente no processo de aprendizagem. O trabalho constitui-se em um estudo de campo realizado com 16 alunos e uma professora do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública, com objetivo de investigar de que forma são percebidos pelos sujeitos os afetos na relação professor-aluno e as implicações dos mesmos no processo ensino-aprendizagem. A realização deste trabalho vem auxiliar, de maneira significativa, a prática pedagógica, tendo em vista que as discussões apresentadas são fundamentadas em teorias que defendem o fortalecimento de uma educação compromissada com a formação de pessoas livres, íntegras, criativas, autônomas, amorosas e felizes.

Palavras-chave: Afetividade, Educação, Aprendizagem.

ABSTRACT

The affection and intelligence are structured on the actions of individuals. Affection also implies expression and communication, and on this perspective, this article addresses the affectivity in teacher-student interaction, a factor that significantly influences the learning process. The work is in a field study conducted with 16 students and a teacher in the 4th year of primary education in a public school, in order to investigate how they are perceived by the subjects affections in the teacher-student relationship and the implications of the same learning process. This work is helping, significantly, pedagogical practice, given that the discussions presented are based on theories that advocate the strengthening of an education committed to the formation of free persons of integrity, creative, autonomous, loving and happy.

Keywords: Affectivity. Education. Learning.

1. Introdução

A sociedade contemporânea vivencia uma era de mudanças, que ocorrem de forma acelerada, devido à velocidade com que as informações são propagadas. Nesse sentido, o desafio deste século, seria acompanhar este desenvolvimento tecnológico, o que torna o mundo um ambiente quase mecanizado, modificando a vida dos sujeitos no contexto social em que estão inseridos.

Cabe à Educação, o desenvolvimento e a formação de seres humanos, perceber que todo processo tecnológico e científico do século ainda não garantiu a felicidade dos indivíduos e que algo precisa ser

resgatado. O homem deve ser pensado como um ser integral, dotado de cognição e afeto, de razão e emoção e, para aceitar o que tem sido imposto pela contemporaneidade precisamos ver o sujeito com diferentes maneiras de ser, trazendo consigo valores próprios.

Entretanto, ao longo da história não tem se dado o devido valor a vida afetiva. Essa situação se reflete no contexto escolar, ninguém chega à escola sem ter sido antes, de alguma forma, movido em suas dimensões afetivas. A vida no seu cotidiano afeta e produz sentimentos que podem ser negativos, culminando em dificuldades de aprendizagem. A escola precisa, nesse contexto, afetar o educando de maneira proveitosa, despertando-lhe o amor e o interesse.

Diante desse pressuposto, é necessário que a Educação defina estratégias que permitam retomar e valorizar as capacidades individuais em prol da coletividade, resgatando valores e atitudes para nortear o ser humano que necessita viver em grupo, participar da vida em sociedade e relacionar-se para perceber-se enquanto gente.

A relevância do estudo se pauta na asserção de que o ato de educar envolve relações complexas na tentativa de compreender o humano. Dentre essas relações, destacamos a afetividade como um valor intrínseco e necessário à vida. Partindo dessa reflexão em torno da dimensão afetiva, percebe-se que esta constitui-se uma questão que perpassa toda a história da humanidade e que pode ser referendada como um dos grandes entraves da vida humana. No entanto, é importante salientar que a escola em algumas práticas já conceba que sentir e pensar são ações que não se dissociam.

Tendo em vista que o processo educativo é permeado por afetos prazerosos ou não, torna-se fundamental seu entendimento, podendo contribuir, de forma significativa, nas relações entre os sujeitos e incentivá-los a uma aprendizagem reflexiva, construindo assim uma escola que possa repensar o professor e o aluno enquanto sujeito histórico de uma sociedade contemporânea. Nessa perspectiva o presente estudo aborda os sentimentos dos alunos do 4º ano, em relação aos afetos existentes na relação professor-aluno no contexto escolar de uma instituição pública, no município de Feira de Santana-Ba.

Como objetivo principal para execução do estudo, buscou-se investigar de que forma os alunos percebem os afetos na relação professor-aluno, tendo como suporte, identificar os afetos existentes no contexto escolar, enfatizando as relações entre os alunos e professores, analisando as implicações dessas relações no processo ensino-aprendizagem. O estudo teve como sujeitos 16 (dezesseis) alunos pré-adolescentes (08 meninos e 08 meninas) estudantes, que moram próximos da escola, bem como a professora dos mesmos.

2. AS RELAÇÕES ENTRE AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM

Geneticamente o ser humano é social e depende do outro para se fixar como pessoa. Nessa trajetória, as primeiras relações da criança com seus pais são extremamente importantes para favorecer o pleno desenvolvimento das demais relações sociais.

Assim, o meio social exerce um forte poder sobre a criança, pois os resultados das suas relações não se limitam ao desenvolvimento da sociedade, mas atingem os limites do desenvolvimento da personalidade, daí a relação professor/aluno ter como referência as relações originais, que vai depender muito de como foram elaboradas no âmbito familiar, mesmo aquelas ligadas a imposição de limites e a relação de autoridade.

Nesse contexto é interessante observar que, sobre o conceito de afetividade, existe uma grande divergência. Na educação encontra-se, eventualmente, a utilização dos termos afeto, emoção e sentimento aparentemente como sinônimos. Entretanto, na maioria das vezes, o termo emoção encontra-se relacionado ao componente biológico do comportamento humano, referindo-se a uma agitação, uma reação de ordem física. Já a afetividade é utilizada com uma significação mais ampla,

referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas. O afeto constitui-se no elemento básico da afetividade humana, como:

> Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza (CODO; GAZZOTTI, 1999, p. 48-59).

Apesar das dificuldades de conceituação que vêm acompanhando historicamente os fenômenos afetivos, Pino (2000) tem destacado com clareza que tais fenômenos referem-se às experiências subjetivas que revelam a forma como cada sujeito "é afetado pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo que tais acontecimentos têm para ele" (p.128).

A afetividade é o elemento funcional na estruturação da conduta e das reações afetivas (inclinações, paixões) é o tipo de amor que tem relação com o caráter da própria pessoa no sentido de querer bem e agir em prol e os estados emocionais (dor, prazer). Nesse sentido, a afetividade favorece ao conhecimento intelectual, pois o desenvolvimento normal da inteligência só ocorre se há uma relação afetiva internalizada. É a afetividade que constitui o alicerce sobre o qual se constrói o conhecimento, ela é agente primordial para o fortalecimento da vontade de aprender que estimula todas as áreas de interesse que regem a vida humana.

Na construção da aprendizagem, o relacionamento entre professor e aluno deve ser de troca, não se concebe desenvolver qualquer tipo de processo educativo em um ambiente hostil. Cabe lembrar que "respeito que a criança tem pelo adulto é unilateral, dando origem a dois sentimentos distintos: o afeto e o medo; mas simultaneamente percebidas pela criança quando envolvidas em situações resultantes das desobediências" (RANGEL, 1992 p.78).

Para Piaget (1995), é da existência desses dois sentimentos que surge o respeito unilateral, e este sentimento se estabelece por meio da relação de confiança entre as partes envolvidas no processo, favorecendo a aprendizagem concreta e realmente significativa.

É normal que professores intervenham na relação dinâmica entre as crianças, porém, deve-se cuidar para que esta intervenção favoreça ao estabelecimento da autonomia, embasadas em acordos contratados pelo ensinante e pelo aprendente com segurança e convicção. É importante que o educador demonstre interesse e compreensão para as angústias do seu aluno. Se a criança não se sentir confiante, ou seja, se ela perceber na relação com o interlocutor desinteresse e atitudes mecanizadas poderão reter ou retardar o interesse pelo objeto de estudo e consequentemente pelo processo de aprendizagem como um todo. Aprender implica esforço em lidar com as frustrações do não-saber e o estímulo deve ser constante e verdadeiro para conduzir ao desenvolvimento pleno do indivíduo como ser social.

3. AFETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES DE WALLON

Nos dias de hoje é comum falar que a escola deve proporcionar formação integral (intelectual, afetiva e social) às crianças. No início do século passado, essa idéia foi uma verdadeira revolução no ensino, comandada por um médico psicólogo e filósofo francês chamado Henri Wallon (1879-1962). Sua teoria diz que o desenvolvimento intelectual envolve muito mais do que um simples cérebro, numa época em que a memória e erudição (saber aprofundado em um ramo do conhecimento) eram o máximo em termos de construção de conhecimento, Wallon (1995) abala as convicções afirmando que não é apenas o corpo da criança que está na sala de aula, mas também suas emoções. Diante disso, fundamentou suas idéias em quatro elementos básicos que se comunicam o tempo todo: a afetividade, o movimento, a inteligência e a formação do eu como pessoa. Nessa perspectiva, o teórico coloca que as emoções tem importante papel no desenvolvimento da pessoa, é por meio dela que o aluno expõe seus desejos e suas vontades.

Wallon (1995) concebe a dimensão afetiva como conceito fundamental da sua teoria psicogenética da aprendizagem, aponta três momentos marcantes, sucessivos, na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. Os três resultam de fatores orgânicos e sociais, e correspondem a configurações diferentes, resultantes de sua integração: na emoção, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole. A emoção é a exteriorização da afetividade, é sua expressão corporal, motora, tem um poder plástico, expressivo, contagioso; é o recurso de ligação entre o orgânico e o social: estabelece o primeiro laço com o mundo humano e, através deste, com o mundo físico e cultural. Já o sentimento é a expressão representacional da afetividade. Não implica reações instantâneas e diretas como na emoção. Tende a reprimir, a impor controles que quebrem a potência da emoção. Os sentimentos podem ser expressos pela mímica e pela linguagem.

> [...] As emoções, são a exteriorização da afetividade [....] Nelas que assentam os exercícios gregários, que são uma forma primitiva de comunhão e de comunidade. As relações que elas tornam possíveis afinam os seus meios de expressão, e fazem deles instrumentos de sociabilidade cada vez mais especializados (WALLON, 1995, p. 143).

Segundo Galvão (1999), o teórico vê o desenvolvimento da pessoa como uma construção progressiva em que se sucedem fases com predominância alternadamente afetiva e cognitiva. Cada fase tem um colorido próprio, uma unidade solidária que é dada pelo predomínio de um tipo de atividade. As atividades predominantes correspondem aos recursos que a criança dispõe, no momento, para interagir com o ambiente. Como se pode notar, segundo a autora, cada nova fase inverte a orientação da atividade e do interesse da criança: do eu para o mundo, das pessoas para as coisas, trata-se do principio da alternância funcional.

Falar de afetividade na relação professor-aluno na perspectiva Walloniana, é falar de emoções, disciplina, postura, do conflito eu-outro, uma constante na vida da criança – em todo o meio da qual faça parte – seja a família, a escola ou outro ambiente que ela freqüente.

Para o autor, as teorias sobre emoções têm base mecanicista e de difícil compreensão. Primeiro, ele as vê como reações incoerentes e confusas, e em segundo lugar, destaca o poder ativador que têm as emoções, consideradas por ele positivas. "O estudo da criança exigiria o estudo do ou dos meios onde ela se desenvolve. É impossível de outra forma determinar exatamente o que é devido a esta e o que pertence ao seu desenvolvimento espontâneo" (WALLON, 1982, p.189).

Com isso, o autor quer dizer que a sociedade intervém no desenvolvimento psíquico da criança, através de suas repetidas experiências e das dificuldades para ultrapassá-las, já que ela, diferentemente de outros seres vivos, depende por muito tempo de seus semelhantes adultos. O recém-nascido, por exemplo, não consegue diferenciar-se do outro nem mesmo no plano corporal. Essa diferenciação começa no primeiro ano de vida pela interação com as pessoas e seu próprio corpo. É essa construção do eu corporal que dá condição à formação do eu psíquico chamado, por Wallon (1982), de estágio personalista.

A dimensão afetiva que é de fundamental importância para Wallon (1982), seja do ponto de vista da construção da pessoa, como do ponto de vista do conhecimento, é marcante para o desenvolvimento da humanidade, se manifesta a partir do nascimento e estende-se por toda vida humana. "Wallon explica que uma criança sadia, quando já está se relacionado afetivamente bem com o meio que a cerca, em particular com sua mãe, sente necessidade de ser objeto de manifestações afetivas para que seu desenvolvimento biológico seja perfeitamente normal" (DANTAS, 1992 p. 85).

Wallon (1982) então prova com sua teoria, que o bebê, se não fosse pela sua capacidade de mobilizar poderosamente, todos a sua volta, no sentido de atender as suas necessidades, ele pereceria. Não é por

acaso que seu choro atua de forma tão intensa sobre a mãe. Esta função biológica então é que dá origem a um dos traços característicos da expressão emocional. É neste sentido que Wallon (1982) considera a emoção fundamentalmente social, ela fornece o primeiro e mais forte vínculo entre os indivíduos, e supre a insuficiência da articulação cognitiva nos primeiros momentos da vida do indivíduo.

Já no terceiro ano de vida, acontece uma reviravolta nas condutas da criança e nas suas relações com o meio, o qual é de suma importância para a existência da criança. É nesta fase que se iniciam os conflitos interpessoais, onde a criança opõe-se a tudo o que julga diferente dela e que venha de outro. O conflito eu-outro não é exclusivo do estágio da formação do eu, que Wallon (1982) chama de personalista, pois surgirá uma nova crise de oposição no período da adolescência, crise essa necessária para a reconstrução da personalidade, sendo, um importante recurso para a diferenciação do eu.

Para Wallon (1982), a afetividade, além de ser uma das dimensões da pessoa, é um dos principais elementos do desenvolvimento, pois o homem logo que deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade passou para a vida racional. Nesse sentido, a afetividade e inteligência se misturam uma dependendo da outra para evoluir, como afirma (Dantas, 1992 p.90) "[...] a afetividade depende, para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa".

Este pensador da emoção alerta também, que, se o professor tiver conhecimento do conflito eu-outro na construção da personalidade, onde costuma surgir por vezes hostilidade da criança em relação ao professor; tanto pela falta de êxito da criança, pela severidade do professor, por motivos pessoais oriundos da família, quanto por problemas afetivos de origem psíquica, então diante de todos esses aspectos, professores recebam essas atitudes com mais tolerância e não tomá-la como afrontas pessoais. O professor, precisa compreender o aluno e seu universo sócio-cultural, conhecer esse universo é de grande importância para o trabalho do professor que atua no plano cultural e pessoal.

4. LAÇOS AFETIVOS E SABERES: O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR DESTA RELAÇÃO

A dicotomia existente entre razão e emoção está vinculada à história da educação, desde os tempos dos filósofos da Grécia Antiga que, como Platão, afirmavam como virtude a liberação e troca de todas as paixões, prazeres e valores pelo pensamento, considerado por ele, um valor universal e ligado a imutabilidade das formas eternas (SILVA, 2002). No entanto, os estudos sobre as práticas pedagógicas contemporâneas vêm mostrando que esta visão de Platão encontra-se equivocada, já que a fantasia da separação entre cérebro/espírito, corpo/mente, razão/emoção vem sendo desmistificada ao longo do tempo. Já que o ser humano não pode ser visto em partes, mas como um todo que envolve aspectos cognitivos, afetivos, motores, morais na sua interação com o meio, cabe ao sistema educativo superar a contraposição entre razão e emoção em favor da construção de uma aprendizagem realmente significativa.

Assim, vemos que para Wallon, a afetividade além de ser uma das dimensões da pessoa, é uma das fases mais antigas do desenvolvimento, pois, o homem logo que deixou de ser puramente orgânico passou a ser afetivo e, da afetividade, lentamente passou para a vida racional. Nesse sentido a afetividade e inteligência se misturam, havendo o predomínio da primeira e, mesmo havendo logo uma diferenciação entre as duas, haverá uma permanente reciprocidade entre elas. "[...] a afetividade depende para evoluir, de conquistas realizadas no plano da inteligência, e vice-versa." (DANTAS, 1992, p.90).

Verificamos no dia-a-dia que, quando a criança está na idade maternal, dos três aos cinco anos, sua maneira de agir vai corresponder a princípios afirmados em etapas anteriores tal como descritas por Wallon, princípios esses necessários para evitar crises penosas nas quais a maturação da criança começa a se emancipar da vida familiar. Nesse período, é necessário disciplina para que a criança seja feliz, uma disciplina de ordem maternal, diferente da que virá receber mais tarde na escola. É necessário também, que as relações pessoais entre ela e o educador, sejam quase que de ordem maternal.

Na fase dos seis aos sete anos, ainda segundo Wallon, a educação se torna obrigatória e a criança não mais pertence unicamente ao grupo familiar, pois passa a fazer parte de grupos diferentes, o que caracteriza a fase da socialização. Nesta fase, o professor tem o papel importante para essas novas formas de relações desenvolvendo, na criança o espírito de cooperação e solidariedade através das tentativas de trabalho em equipe.

> No caso da criança no qual entre ela e o objeto a conhecer existe um mediador, geralmente na pessoa de um adulto que ensina, a calidez da veiculação afetiva entre eles cataliza poderosamente a reação que resulta na apreensão do objeto pelo sujeito (DANTAS, 1992, p.68).

Esse adulto, deve ainda ter verdadeira consciência de sua responsabilidade, precisa tomar decisões de acordo com seu tempo, tomando decisões pensadas, com fundamento na instrução recebida, e de acordo com os valores morais e as relações sociais pertinentes à sua época. Suas decisões devem ser tomadas solidariamente com seus alunos, conhecendo suas condições de vida social e familiar .É equivocado pensar-se em um padrão de postura que garanta toda atenção em qualquer atividade, pois, muitas vezes, há as variações na posição do como propiciam melhor, e maior atenção na atividade que a criança está realizando.

Percebe-se que, ao longo do desenvolvimento da criança, muitos fatores contribuem para sua formação enquanto ser social. Refletir sobre tudo isso faz parte do processo pedagógico social do individuo que estamos preparando para inserir numa sociedade da qual fazemos parte e, portanto, sermos beneficiados por eles, ou sofrermos conseqüências indesejáveis. "Não se pode explicar uma conduta isolando-a do meio em que ela se desenvolve com diferentes meios de que faz parte, pois a conduta do indivíduo pode mudar" (WALLON, 1975, p.369).

Na sala de aula é importante que o professor esteja atento para as manifestações emocionais do educando não tomando como afronto pessoal. Se assim o fizer, terá maiores possibilidades de controlar a manifestação de suas reações emocionais e encontrar caminhos para solucioná-las. Portanto, refletir e avaliar as situações de dificuldades, buscando compreender seus motivos e reações já é um meio de reduzir a atmosfera emocional. Assim, se faz necessário buscar os fatores pelo desequilíbrio evolucional, o que possibilitará o aperfeiçoamento da prática pedagógica: "A libertação das inteligências pode ser buscada numa redução das duas emoções antifisiológicas e anticognitivas por excelência: o medo e a raiva" (DANTAS, 1992, p.70).

A escola, na figura do professor, precisa compreender o aluno e seu universo sócio-cultural. Conhecer esse universo é de grande eficácia para o trabalho do professor que atua no plano universal, cultural e pessoal, já que existem, para a espécie humana, processos mentais próprios, mas que podem variar de acordo com culturas nacionais, regionais e até em momentos históricos específicos.

Nessa direção, a prática educativa, na escola, deve primar pelas relações de solidariedade entre as crianças, proporcionar situações que lhes dêem prazer de construir conhecimento, de crescer junto com o outro. Não há mais espaço para uma educação individualista, quer seja do ponto de vista do aluno ou do professor. Desta forma, cabe ao professor a responsabilidade real no desenvolvimento dos seus alunos, dentro das escolas, então necessita de uma constante renovação nas práticas docentes, a fim de acompanhar as mudanças sócio-culturais e atender as expectativas de cada grupo de indivíduos sem esquecer as suas particularidades.

5. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este trabalho tem caráter explicativo tendo como ponto fundamental a questão afetiva na formação do

aluno e sua vinculação com o processo educacional, fundamentado por pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e estudo de campo. O aluno da educação básica é o ponto chave deste trabalho, em que compreende os acontecimentos históricos educacionais e as relações sociais que indicaram a trajetória da relação professor e aluno. Os instrumentos utilizados para coleta de dados foram a observação, questionários e desenhos. A partir dos dados coletados, procedeu-se análise dos resultados na qual poderemos notar a importância dos aspectos afetivos na relação professor/aluno.

Vale ressaltar que os sujeitos da pesquisa foram representados pela professora da turma e 16 alunos. A escola pertence a rede pública de ensino e a concepção de ensino da unidade baseia-se na teoria tradicional. A professora da turma do 4º ano tem 52 anos de idade e 24 anos de experiência profissional. O perfil dos alunos é representado por crianças com faixa etária entre nove e doze anos, apresentam comportamento saudável e compatível com a idade.

Diante das observações realizadas e dos comentários dos alunos, foi possível constatar como vêem, sentem e compreendem alguns aspectos do comportamento da professora e como reagem a eles. Os dados coletados possibilitaram concluir que existem transformações importantes e mudanças nas exigências afetivas dos alunos.

As formas de expressão que utilizaram o corpo, como o toque, os olhares e as modulações da voz, vão ganhando aspectos mais complexos. A afetividade vai além da manifestação de elogios. Mesmo mantendo-se o contato corporal como forma de carinho, falar da capacidade do aluno, elogiar seu trabalho, reconhecer seu esforço e estimular sua participação são formas cognitivas de vinculação afetiva.

Com relação à forma de compreensão da afetividade tivemos as seguintes respostas, com base na entrevista e questionário realizados.

> Sentimento vivenciado na forma de amor, respeito, carinho e zelo por alguém.(Professora)

Os dados apresentados pela professora confirmam que existe um refinamento nas trocas afetivas. Nessa direção, questionamos aos alunos sobre o que é ser um bom professor e demonstraremos a resposta mediante o gráfico abaixo:

GRÁFICO 1 – Opinião dos alunos acerca do que é ser um bom professor